

A (à) sombra das ânforas

Um nome que emula certos contos antigos do oriente médio... com um toque proustiano... E uma obra que nos lembra certa tradição dos grandes recipientes indígenas confeccionados para guardar os corpos daqueles que seguiam para a eternidade... ou o néctar da vida: a água e os alimentos. Ela carrega a memória das volutas que adornam os prédios e dos esplendores carnavalescos, algumas das versões do barroco nos trópicos...

Há nela, certa febre do ornamento, tão representativa da estética reconhecida na América Latina a partir da mistura cultural que nossa história forjou, resultando por exemplo em uma linha de pensamento que, em muitos sentidos, define nossa produção artística: a antropofagia oswaldiana.

Renato traz uma pendulação de duas vertentes do ato de construir. De um lado, a concretude da manipulação dos materiais pelas mãos – terra (argila, tijolo), metal (folhas, vergalhões, arames), instrumentos e técnicas (lápis, tintas, cinzéis, esmaltação, modelagem, escultura, desenho) – e a exaustão do corpo. De outro, o estabelecimento de uma simbologia cujos signos são revisitados ao longo das sucessivas séries que o artista desenvolve. A casa, a chave e suas penças, a montanha, o ornamento tantas vezes visto, carimbado como marcação de pertencimento, a faca, o guardião, o ninho, o familiar e o puro estranhamento são as inscrições recorrentes nas suas narrativas poéticas à vida ao redor. Tão próxima e tão inalcançável. Objetos compostos por inúmeras partes entrelaçadas e por suas sombras.

Nas instalações, a cor da terra é eventualmente coberta por azuis e amarelos que recobrem a pele da cerâmica. E as ânforas recebem inúmeras incrustações e apêndices, às vezes figurativos, às vezes puro ornamento. São grandes montagens cujos nomes são pequenas histórias que se apoiam na infinidade de elementos de

cada conjunto: **O lugar que ocupo, também me habita | O que a paisagem insiste em guardar | Testemunho silencioso das narrativas familiares | Mãe de Nós | A casa que me Vê/A cor que me Guarda | Jardim das Margaridas | A sombra das ânforas...**

Entre eles, surge a unicidade hierática dos **Guardiões**, um e outro e outro... Figuras sintéticas em contraposição a abundância barroca das outras obras. Azuis. Corpos cujas cabeças abandonam a forma humana e modelam ferramentas para trabalhar a terra: ancinhos, picaretas, enxadas... São seres cujo fazer se incorpora à anatomia. Guardam talvez este saber que nos permite transformar as coisas da terra... o mais antigo saber do homem. Talvez o ícone de certa narrativa em aberto proposta pelo conjunto das obras...

Marília Panitz